

**Fátima Cristina Melo
Geovanini**

*Psicanalista e Psicóloga do Centro
de Educação de Surdos
Pillar Velásquez*

Da Psicanálise à Surdez – uma escuta psicanalítica em instituição escolar para surdos

*“... a expressão fala deve ser entendida não apenas como a expressão do pensamento por palavras, mas incluindo a linguagem dos gestos e todos os outros métodos, como por exemplo a escrita, através dos quais a atividade mental pode ser expressa.”**

Este artigo visa relatar uma experiência, ou talvez melhor falar em inexperiência, em uma instituição escolar para surdos e o que a partir daí procuro levantar de questões à psicanálise e à surdez, abrindo uma interlocução possível entre esses dois campos.

Trata-se de uma associação fundada por um pai, a partir de um fracasso. Algumas crianças são expulsas de uma instituição especial onde estudavam surdos e ouvintes por não terem conseguido conquistar a linguagem oral. Surge, então, a necessidade de uma escola onde a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS - fosse utilizada dentro de um contexto pedagógico.

Neste contexto, após três anos de trabalho, surge, na instituição, a demanda de uma

psicóloga. Demanda receosa e ainda embaraçada pela pedagogia, sustentada pelo querer saber da analista que segue a orientação de Jacques Lacan aos analistas: “Comecem por não crer que vocês compreendem. Partam da idéia do mal-entendido fundamental.” Sobre esse saber, há ainda

Muitos surdos encontram sua maior dificuldade na alfabetização, o que se estenderá nos anos seguintes, onde a dificuldade na escrita frequentemente traz angústias.

muitas questões, alguns mal-entendidos, onde psicanálise e surdez têm muito a construir.

Enquadrar o surdo no mesmo rol das demais chamadas deficiências é muito pouco para as suas especificidades. É, no mínimo, não querer ouvir

sobre o seu sintoma. A surdez, embora pouco visível, em comparação as outras ditas deficiências, traz consigo uma marca. Uma marca na linguagem e no saber.

Há freqüentemente, no sujeito surdo, uma séria dificuldade no cumprimento das regras sociais. Há dificuldade, segundo os pais, de se transmitir o que pode e o que não pode. Essa dificuldade é atribuída à comunicação, pais que falam português, filhos que utilizam Li-

bras. Dificuldade também atribuída à ausência do pai, fato comum nas histórias familiares quando diante da surdez de um filho.

Escutando-se o surdo, vê-se que esta questão é atribuída ao não saber, à Ignorância – “não sabia, ninguém me falou que

* FREUD, Sigmund - “O interesse científico da psicanálise
In Obras Completas - volume XIII - 1913 - pág. 211, RJ, edição Standart Brasileira.

não podia". Do que o surdo e seus pais não querem saber? Há aqui a grande marca da surdez o não sabido, a inibição, o fracasso escolar, a dificuldade na escrita do português. Muitos surdos encontram sua maior dificuldade na alfabetização, o que se estenderá nos anos

dade é meio-dita. Monta assim sua própria teoria. Nada se fala na tentativa de que nada seja dito.

R, aluno da instituição, hoje com 17 anos, foi adotado aos 4 meses de idade. Em entrevista com a mãe, pergunto se ela havia falado, em algum momento, sobre a adoção. Diz que não, que havia planejado contar-lhe, ainda criança para que não ouvisse de primos e parentes. Como é surdo, não vê motivos para que isso seja falado.

A sexualidade infantil é en-

Ao surdo, aqui, algo escapa. Mas, será que podemos atribuir essa falha no simbólico à audição e ao que ela implica na própria dificuldade da língua?

Alguns significantes me saltam aos ouvidos: "faça de conta que esta é uma escola de estrangeiros, estão todos falando uma outra língua". Estrangeiro - de que se trata esse estrangeiro? Que sujeito é esse que se constitui como estrangeiro em sua família e na sociedade? Aqui já se faz uma questão: se o surdo pode se constituir, como o ouvinte, numa neurose, psicose ou perversão, o que na constituição do sujeito neurótico acarreta esta falha no simbólico? Se por um lado pensamos que também no ouvinte neurótico podemos encontrar essa dificuldade na constituição da lei, há no surdo uma especificidade quanto a essa questão. O que dessa especificidade pode ser atribuída à surdez? De que surdez se trata? Quem é surdo nesta questão?

Recorro a Freud e Lacan para fundamentar alguns conceitos psicanalíticos primordiais a esse estudo. Freud, ao inventar a psicanálise, elaborou uma técnica que se desenvolve a partir da fala. Já em

Que sujeito é esse que se constitui como estrangeiro em sua família e na sociedade? Aqui já se faz uma questão: se o surdo pode se constituir, como o ouvinte, numa neurose, psicose ou perversão, o que na constituição do sujeito neurótico acarreta esta falha no simbólico?

seguintes, onde a dificuldade na escrita frequentemente traz angústias. Inibição, angústia. Onde estará o sintoma? O que dessa marca da surdez, no real do corpo, tem a ver na constituição do sintoma no sujeito surdo?

A dificuldade frente à surdez, é muitas vezes, encarada como um não saber sobre isso. Não sabem como isso aconteceu. Não saber esse reiterado pela medicina que muitas vezes não dá conta de esclarecer os porquês. O surdo sobre isso também não sabe muito. A ver-

carada da mesma forma. A família não sabe explicar, e diz: "como ele vai entender?" Atribui a dificuldade à língua. Opta, muitas vezes, pelo silêncio. Silêncio quebrado pelo surdo com seus comportamentos exagerados. Quer ver, quer tocar, faz sinais "chocantes" aos olhos dos ouvintes.

A audição é colocada por psicólogos e especialistas como o sentido que mais falta ao sujeito. O ouvinte não cessa de receber do outro alguma informação. Ouvem-se várias coisas ao mesmo tempo.

1913 essa fala é entendida como qualquer meio possível de expressão significativa.

Lacan enfatiza a predominância do significante sobre o significado, subvertendo assim a lógica de Saussure $\frac{\text{significado}}{\text{significante}}$.

Vai apontar não só para a característica universal de uma língua, mas principalmente para a particularidade de cada sujeito frente ao seu reconhecimento. O significado será acoplado ao significante de forma singular. Essa língua particular, por ele denominado *alíngua* é marcada e marcante. Marca a falta e onde há falta, há desejo.

O sujeito da psicanálise, sujeito desejante, é constituído pela falta, por uma divisão insuturável. É o sujeito barrado, sujeito do inconsciente.

Enquanto a ordem animal é marcada pelo imaginário, o simbólico, por sua vez, é característico do mundo humano.

Em 1955, Lacan pergunta a diferença entre a fala e uma gravação de linguagem. Acrescenta que falar é, antes de mais nada, falar aos outros. Falamos para alguém e esta é uma distinção fundamental para pensarmos no sujeito.

Nascer humano não significa tornar-se sujeito. Lacan vai falar na estruturação do sujeito em três tempos lógicos, descritos a seguir. Importante ressaltar aqui que isso não se dá cronologicamente. São referências lógicas que ocorrem

segundo uma lógica particular.

Ao nascer, a criança é puro ser. Encontra-se identificada ao objeto de desejo da mãe, aquela que pode ou não suprir suas necessidades. A mãe, num primeiro momento, tem sua própria lei - lei da língua materna. A lei materna é onipotente, incontrollada e caprichosa, à qual a criança acha-se assujeitada. O sujeito, aqui, só terá a garantia da arbitrariedade.

Num segundo momento, a mãe começa a aparecer e desaparecer. Momento de interdição de um terceiro, que vai mediatizar a relação entre mãe e filho, introduzindo a lei da interdição, da proibição. É o Não, um basta à criança como objeto de uso da mãe. O pai simbólico é aqui evocado no discurso da mãe, enquanto uma função, uma metáfora. Metáfora Paterna. É o que no discurso da mãe representa o seu desejo. Essa função pode ser encarnada na figura masculina do pai ou não. Refere-se ao nome onde se encontra o desejo da mãe. Pode ser o seu trabalho, o nascimento de um filho, o marido, etc. São como Lacan chama, os Nomes-do Pai.

O terceiro momento se dará em torno de onde está o desejo da mãe, da criança e do pai. Pai, mãe e filho estarão reunidos comunitariamente

sob a égide da triangulação edipiana. O que o Outro deseja? A criança passa do Ser, o objeto que completa o Outro, para querer tê-lo. Passa a desejar, a procurar o objeto.

A instauração dessa função do pai, que Lacan denomina Metáfora Paterna é correlativa ao complexo de Édipo. O Édipo é o preço que se paga para advir como sujeito.

Como pensar então essa operação no surdo? A surdez nos aponta que isso se dará por qualquer meio possível de comunicação. A palavra, enquanto significante, se expõe de várias formas. Aqui não se trata da voz enquanto sonorização, mas sim da palavra.

No seminário X, de Jacques Lacan, encontramos: "tudo o que o sujeito recebe do Outro por meio da linguagem, a experiência ordinária é que recebe sob forma vocal. Mas há outras vias, além das vocais para receber a linguagem; a linguagem não é vocalização." Quer dizer, o surdo vai poder ser atravessado pelo simbólico, ainda que tenha uma língua estrangeira à do discurso

da mãe. É comum a mãe com seu filho surdo estabelecerem uma linguagem própria que permite a possibilidade de alguma comunicação.

A Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS - entra aqui como uma possibilidade de articulação desse simbólico que o atravessa. Essa língua, que tem sua estrutura gramatical própria, oferece, como qualquer outra

apresenta muitas dificuldades na aprendizagem. Filho de pais bem sucedidos, K. não aprende. A mãe diz não se conformar com essa dificuldade, mas, apesar de seus 16 anos, não podia ir à escola sozinho. Para ir à escola era preparado tal qual uma criança em idade pré-escolar - lancheira pendurada no pescoço, meião e bermuda infantilizada.

Mãe e filho, envolvidos com as impossibilidades e carê-

conforme solicitado pela professora, K. coloca números e anos que dizem respeito à vida da irmã. No ano de seu nascimento ele escreve: "ela ganhou um irmão". K. se coloca no lugar do presente oferecido à irmã, à família. Sua surdez como uma impossibilidade parece contribuir para esse lugar. O surdo torna-se alvo fácil para essa cristalização no fantasma do Outro. Se há cristalização, trata-se de pensar o lugar que ele se fixa, na família. Seu fracasso escolar e a dificuldade na escrita, tão comum na surdez, nos aponta para algo dessa ordem.

Como vai poder o surdo se separar desse lugar de objeto e advir como sujeito? Há o que perder. Separar implica sair do lugar do que completa a falta da mãe, para poder se defrontar com sua própria falta.

O surdo já se apresenta com uma perda, castração que se instaura no real do corpo. Mas, sobre isso os pais não querem saber. A mãe normalmente diz: "tá bom, o meu filho é surdo, mas o que eu posso então fazer?" Ouço essa pergunta como uma tentativa de desmentir um fato. A castração do filho remeterá a sua própria castração. Muitas tentativas são feitas com esse in-

...o surdo vai poder ser atravessado pelo simbólico, ainda que tenha uma língua estrangeira à do discurso da mãe. É comum a mãe com seu filho surdo estabelecerem uma linguagem própria que permite a possibilidade de alguma comunicação.

língua, o deslizar na cadeia significante, onde o sujeito vai ocupar o seu lugar diante do desejo do Outro.

Com frequência chegam à instituição, adolescentes, que apresentam dificuldade na realização de tarefas básicas: alimentação, higiene. Comem como uma criança, vão ao banheiro de portas abertas. A mãe sempre diz que sobre isso tenta ensinar, mas que ele não consegue aprender.

K., um aluno da escola,

cias que a surdez implica, parecem manter-se por muito mais tempo na relação dual e alienante, onde ambos são cúmplices de um prazer que não os separa. Esse Outro está sempre presente, interpreta o que o filho diz, da-lhe comida na boca, chegando a situações graves, onde a separação não pode se dar nem mesmo no dormir.

K. se apresenta como um acontecimento na vida do outro. Ao fazer uma linha da vida,

tuito, algumas com algum sucesso, outras nem tanto. Mas, há um momento específico em que o confronto com a surdez se dá. Trata-se do momento da escrita. Através da escrita, tanto o surdo quanto sua família se deparam com a impossibilidade de acesso à língua do ouvinte.

A pedagogia faz dessa dificuldade da escrita seu objeto de estudo. Vem tentando dar

mãos e olhares que gozam. A escuta vai se dando diante de uma certa impossibilidade. Não só porque se travava ali o uso de línguas diferentes, mas pela impossibilidade de completude em qualquer comunicação, com seus equívocos e dificuldades. No entanto há também um certo entrave na língua. O surdo quer falar ao outro, através de sua própria língua, fato que se tornou um impasse, um ponto mesmo de resistência à psicanálise.

No momento em que a analista inicia seu estudo em LIBRAS e começa a utilizá-la, ain-

então, um grupo de estudo, onde se começa a discutir sobre o que é da ordem da psicologia e o que é da psicanálise. Até então, não havia sinal psicanálise em LIBRAS. Cria-se este sinal, momento fundante, sendo a psicanálise inscrita na surdez.

Feita essa inscrição, resta agora abrir um espaço entre os psicanalistas para o paciente surdo. Para a instauração da transferência não é imprescindível uma língua comum, pois o que sustentará a transferência é a suposição de um saber atribuído ao analista. Porém, o surdo e seus pais comumente não outorgam ao analista o lugar de Outro, caso este não domine a mesma língua do surdo. Raros analistas se mostraram, até agora, dispostos a mais esse aprendizado.

Ao surdo remeto agora as palavras de Jacques Lacan: "Para aquele que sofre, a psicanálise é o melhor que temos atualmente para se ter alguma paciência com esta situação incômoda de ser homem".

Fica aqui o meu convite.

Através da escrita, tanto o surdo quanto sua família se deparam com a impossibilidade de acesso à língua do ouvinte.

conta através do Bilingüismo, quando as duas línguas são estudadas - a LIBRAS e o português -, onde o português entra como uma segunda língua.

E a psicanálise? Como no sujeito ouvinte, faz-se necessário um trabalho que atinja o inconsciente, possibilitando uma mudança de posição dos sintomas.

O espaço que a analista abre, nesta instituição, é de escuta. Oferece uma escuta a pais, alunos, professores surdos e ouvintes. A tentativa de particularizar o discurso é feita. Ao singular de cada um, vai se tentando dar um lugar. Lugar esse até então ocupado pelo coletivo, pela falação de

da que com dificuldades, algo começa a operar. Opera-se uma certa transferência e a confiança de um saber que demanda respostas.

Os professores surdos da escola solicitam à analista um estudo sobre psicologia, querem saber sobre isso, querem conhecer Freud. Forma-se,

Bibliografia

LACAN, J. - Seminário 1 - Os Escritos Técnicos de Freud - Jorge Zahar Editor

Ibid. - Seminário 2 - O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise - Jorge Zahar Editor

Ibid. - Seminário 3 - As Psicoses - Jorge Zahar Editor

Ibid. - Lacan, J., Seminário X, A angústia - inédito.

TOLIPAN, Elizabeth - "A Estrutura da Experiência Psicanalítica" - Tese de Mestrado - UFRJ - Rio de Janeiro - RJ